

poemas para crianças





A avó

A avó, que tem oitenta anos,
Está tão fraca e velhinha!
Teve tantos desenganos!
Ficou branquinha, branquinha,
Com os desgostos humanos.

Hoje, na sua cadeira,
Repousa, pálida e fria,
Depois de tanta canceira:
E cochila todo o dia,
E cochila a noite inteira.

Às vezes, porém, o bando
Dos netos invade a sala...
Entram rindo e papagueiando:
Este briga, aquele fala,
Aquele dança, pulando...

A velha acorda sorrindo,
E a alegria a transfigura;
Seu rosto fica mais lindo,
Vendo tanta travessura,
E tanto barulho ouvindo.

Chama os netos adorados,
Beija-os, e, tremulamente,
Passa os dedos engelhados,
Lentamente, lentamente,
Por seus cabelos dourados.

Fica mais moça, e palpita,
e recupera a memória,
quando um dos netinhos grita:
"Ó vovó! Conte uma história!
Conte uma história bonita!"

Então, com frases pausadas,
conta história de quimeras,
em que há palácios de fadas,
e feiticeiras, e feras,
e princesas encantadas...

E os netinhos estremecem,
os contos acompanhando,
e as travessuras esquecem,
-- até que, a fronte inclinando,
sobre o seu colo adormecem...



As estrelas

Quando a noite cair, fica à janela,
e contempla o infinito firmamento!
Vê que planície fulgurante e bela!
Vê que deslumbramento!

Olha a primeira estrela que aparece
além, n'aquele ponto do horizonte...
Brilha, trêmula e vívida... parece
um farol sobre o pináculo do monte.

Com o crescer da treva,
quantas estrelas vão aparecendo!
De momento em momento, uma se eleva,
e outras em torno dela vão nascendo.

Quantas agora!... Vê! Noite fechada...
Quem poderá contar tantas estrelas?
Toda a abóbada está iluminada:
e olhar se perde, e cança-se de vê-las.

Surgem novas estrelas imprevistas...
Inda outras mais despontam...
Mas, acima das últimas que avistas,
há milhões e milhões que não se contam...

Baixa a fronte e medita:
-- Como, sendo tão grande na vaidade,
diante desta abóbada infinita
é pequenina e fraca a humanidade!



A borboleta

Trazendo uma borboleta,
volta Alfredo para casa.
Como é linda! É toda preta,
com listas douradas na asa.

Tonta, nas mãos da criança,
batendo as asas, num susto,
quer fugir, e luta, e cansa,
e treme, e respira a custo.

Contente, o menino grita:
"É a primeira que apinho",
"Mãe, vê como é bonita!"
"Que cores e que tamanho!"

"Como voava no mato!"
"Vou sem demora pregá-la
por baixo do meu retrato
numa parede da sala".

Mas a mãe, com carinho,
lhe diz: "Que mal te fazia,
meu filho, esse animalzinho,
que livre e alegre vivia?"

Solta essa pobre coitada!
Larga-lhes as asas, Alfredo!"
"Vê como treme assustada..."
"Vê como treme de medo..."

"Para sem pena espetá-la
numa parede, menino,
é necessário matá-la:
queres ser um assassino?"

Pensa Alfredo... e, de repente,
solta a borboleta... E ela
abre as asas livremente
e foge pela janela.

"Assim, meu filho, perdeste
a borboleta dourada,
porém na estima crescestes
de tua mãe adorada..."

"Que cada um cumpra a sorte
das mãos de Deus recebida:
pois só pode dar a Morte
Aquele que dá a Vida".



Os reis magos

Diz a Sagrada Escritura
que, quando Jesus nasceu,
no céu, fulgurante e pura,
uma estrela apareceu.

Estrela nova... Brilhava
mais do que todas; porém
caminhava, caminhava
para os lados de Belém.

Avistando-a, os três Reis Magos
disseram: "Nasceu Jesus!"
Olharam-na com afagos,
seguiram a sua luz.

E foram andando, andando,
dia e noite a caminhar;
viam a estrela brilhando,
sempre o caminho a indicar.

Andaram. Num belo dia,
da jornada o fim chegou;
e, sobre uma estrebaria,
a estrela errante parou.

E os Magos viram que, ao fundo
do presepe, vendo-os vir,
o Salvador deste mundo
estava, lindo, a sorrir.



A boneca

Deixando a bola e a peteca,
com que inda há pouco brincavam,
por causa de uma boneca,
duas meninas brigavam.

Dizia a primeira: "É minha!"
-- "É minha!" a outra gritava;
E nenhuma se continha,
nem a boneca largava.

Quem mais sofria (coitada!"
Era a boneca. Já tinha
toda a roupa estroçalhada,
e amarrotada a carinha.

Tanto puxavam por ela,
que a pobre rasgou-se ao meio,
perdendo a estopa amarela
que lhe formava o recheio.

E, ao fim de tanta fadiga,
voltando à bola e à peteca,
ambas, por causa da briga,
ficaram sem a boneca...



Plutão

Negro, com os olhos em brasa,
bom, fiel e brincalhão,
era a alegria da casa
o corajoso Plutão.

Fortíssimo, ágil no salto,
era o terror dos caminhos,
e duas vezes mais alto
do que o seu dono Carlinhos.

Jamais à casa chegara
nem a sombra de um ladrão;
pois fazia medo a cara
do destemido Plutão.

Dormia durante o dia,
mas, quando a noite chegava,
junto à porta se estendia,
montando guarda ficava.

Porém Carlinhos, rolando
com ele às tontas no chão,
nunca saía chorando
mordido pelo Plutão...

Plutão velava-lhe o sono,
seguia-o quando acordado:
o seu pequenino dono
era todo o seu cuidado.

Um dia caiu doente
Carlinhos... junto ao colchão
vivia constantemente,
triste e abatido, o Plutão.

Vieram muitos doutores,
em vão. Toda a casa aflita,
era uma casa de dores,
era casa maldita.

Morreu Carlinhos.. a um canto,
ganha e ladrava o cão;
e tinha os olhos em pranto
como um homem, o Plutão.

Depois, seguiu o menino
seguiu-o calado e sério;
quis ter o mesmo destino:
não saiu do cemitério.

Foram um dia à procura
dele. E, esticado no chão,
junto de uma sepultura
acharam morto o Plutão.



O tempo

Sou o Tempo que passa, que passa,
sem princípio, sem fim, sem medida!
Vou levando a Ventura e a Desgraça,
vou levando as vaidades da Vida!

A correr, de segundo em segundo,
vou formando os minutos que correm...
Formo as horas que passam no mundo,
formo os anos que nascem e morrem.

Ninguém pode evitar os meus danos...
Vou correndo sereno e constante:
desse modo, de cem em cem anos,
formo um século, e passo adiante.

Trabalhai, porque a vida é pequena,
e não há para o Tempo demoras!
Não gasteis os minutos sem pena!
Não façais pouco caso das horas!



A madrugada

Os pássaros, que dormiam
nas árvores orvalhadas,
já a alvorada anunciam
no silêncio das estradas.

As estrelas, apagando
a luz com que resplandecem,
vão tímidas vacilando
até que desaparecem.

Deste lado do horizonte,
numa névoa luminosa,
o céu, por cima do monte,
fica todo côr de rosa;

Daqui a pouco, inflamado
numa claridade intensa,
se desdobra avermelhado,
como uma fogueira imensa.

Os galos, batendo as asas,
madrugadores, já cantam;
já há barulho nas casas,
já os homens se levantam,

o lavrador pega a enxada,
mugem os bois na porfia;
-- É hora da madrugada;
Saudai o nascer do dia!



Meio-dia

Meio-dia. Sol a pino.
Corre de manso o regato.
Na igreja repica o sino;
cheiram as ervas do mato.

Na árvore canta a cigarra;
há recreio nas escolas:
tira-se, numa algazarra,
a merenda das sacolas.

O lavrador pousa a enxada
no chão, descansa um momento,
e enxuga a fronte suada,
contemplando o firmamento.

Nas casas ferve a panela
sobre o fogão, nas cozinhas;
a mulher chega à janela,
atira milho às galinhas.

Meio-dias! O sol escalda,
e brilha, em toda a pureza,
nos campos cor de esmeralda,
e no céu cor de turqueza...

E a voz do sino, ecoando
longe, de atalho em atalho,
vai pelos campos, cantando
a Vida, a Luz, o Trabalho!



As flores

Deus ao mundo deu a guerra,
a doença, a morte, as dores:
mas, para alegrar a terra,
basta haver lhe dado flores.

Umas, criadas com arte,
outras simples e modestas,
há flores por toda a parte:
nos enterros e nas festas,

nos jardins, nos cemitérios,
nos pauls e nos pomares;
sobre os jazigos funéreos,
sobre os berços e os altares,

reina a flor! Pois quis a sorte
que a flor a tudo presida,
e também enfeite a morte,
assim como enfeita a vida.

Amai as flores, crianças!
Sois irmãs nos esplendores,
porque há muitas semelhanças
entre as crianças e as flores...





Olavo Bilac

Olavo Bilac (Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac), jornalista, poeta, inspetor de ensino, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a cadeira nº. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias.

Bilac foi, no seu tempo, um dos poetas brasileiros mais populares e mais lidos do país. Ele tem lugar de destaque na literatura brasileira, como dos mais típicos e perfeitos escritores do Parnasianismo.

Texto adaptado da biografia do poeta disponível no site da Academia Brasileira de Letras (ABL).



A presente edição virtual é uma seleção de alguns poemas do volume "**Poesias infantis**", publicado por Bilac em 1904 pela editora Francisco Alves. Além da seleção dos poemas, foi realizada a atualização ortográfica dos textos.

